

AS IMAGENS DA MORTE EM O GENERAL EM SEU LABIRINTO, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ E LOPE DE AGUIRRE, PRÍNCIPE DA LIBERDADE, DE MIGUEL OTERO SILVA

LA MUERTE DE IMÁGENES EL GENERAL EN SU LABERINTO, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ Y AGUIRRE DE LOPE, LIBERTAD PRINCE, DE MIGUEL OTERO SILVA

Silvana Lovera Silva
Unitins

Resumo: Participantes do elenco do Novo Romance Histórico Latino-Americano, as obras *O General em seu labirinto*, de Gabriel García Márquez, e *Lope de Aguirre, Príncipe da Liberdade*, de Miguel Otero Silva, proporcionam um resgate da história dos personagens históricos, Simón Bolívar e Lope de Aguirre. No primeiro, temos Simón Bolívar, o grande libertador, reflexo e parte primordial, pelas lutas e libertação que proporcionou, desta América. Retratando os últimos dias do Libertador, García Márquez apresenta um homem destituído da máscara do herói inatingível. Um Bolívar moribundo, repleto de dores e totalmente humanizado. No segundo, temos Lope de Aguirre, retratado e resgatado do fundo da história, por Otero Silva. Se no discurso historiográfico ele foi considerado um monstro, no romance de Otero Silva ele nada mais é do que resultado da época em que viveu e das injustiça que sofreu.

Palavras-chave: Romance Histórico. Bolívar. Aguirre.

Resumen: Los participantes del elenco del nuevo romance Historia de América Latina, el obras *El general en su laberinto*, de Gabriel García Márquez, y *Lope de Aguirre, Príncipe de la Libertad*, Miguel Otero Silva, proporcionar rescate de la historia de personajes históricos, Simón Bolívar y Lope de Aguirre. En la primera, tenemos Simón Bolívar, el gran libertador, la reflexión y la parte primordial de las luchas y liberación que proporcionan en esta América. Que retrata los últimos días del Libertador, García Márquez tiene un hombre carente de sombra héroe inalcanzable. Una morir Bolívar, lleno de dolor y completamente humanizado. En el segundo, que Lope de Aguirre, retratado y rescató la historia de fondo, antes del Otero Silva. Si el discurso historiográfico, de modo que se consideraba un monstruo en la novela de Otero Silva no es nada más que una consecuencia de la época en que vivió y sufrió la injusticia.

Palabras-clave: Romance Histórico. Bolívar. Aguirre.

Introdução

Perdendo-se no tempo, as origens do romance histórico estão associadas às origens do próprio romance, pois “No hay duda acerca de que fue el escocés Walter Scott (1771-1832) quien fijó de manera definitiva el concepto de novela histórica” (MÁRQUEZ, 1991, p.16). Principalmente após a publicação de *Ivanhoe* (1819), o que propiciou uma grande “febre” de romances históricos por toda a Europa e América.

Se examinarmos o esquema estrutural de qualquer um dos romances históricos de Scott, observamos vários elementos que o definem. Mas, deste esquema, conforme Esteves (1995, p.24) existem dois princípios básicos, sistematizados da seguinte maneira:

1. A ação do romance ocorre num passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas reais ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade de seu tempo.

2. Sobre esse pano de fundo histórico se situa a trama, com personagens e fatos criados pelo autor. Tais fatos e personagens não existiriam na realidade, mas poderiam ter existido, já que sua criação deve obedecer à mais estrita regra de verossimilhança.

Ainda, havia dentro da trama ficcional dos romances históricos de Walter Scott e seus seguidores um episódio amoroso, geralmente desastrado, cujo desenlace podia variar, sendo feliz ou sendo trágico.

Este modelo tradicional será a base para muitos olhares. Olhares que o acompanharão e olhares que provocarão rupturas. Das rupturas que houveram, destacamos aquela na qual Scott prefere usar personagens históricos secundários, ou, ao usar personagens de grande importância, deixá-los em plano secundário, centralizando a ação nos personagens fictícios. Assim, no Novo Romance Histórico há, dentre outras, uma ruptura com este preceito.

Sendo assim, dois preceitos básicos são necessários para que um romance seja histórico (MÁRQUEZ, 1991, p 24):

1. Que sea novela, es decir, ficción, invención del novelista;
2. Que se fundamente en hechos históricos, y por tanto no ficticios, no inventados.

Dentre os críticos que observaram as modificações ocorridas no romance histórico e o surgimento do Novo Romance Histórico, destacamos o uruguaio Fernando Ainsa, que chama a atenção para as modificações que vem ocorrendo dentro da narrativa hispanoamericana. Apresenta assim, em "La Nueva Latino Americana", uma lista de dez características que podem ser observadas neste gênero nos últimos anos. Porém, dentre todas as características apontadas pelo autor há um aspecto importantíssimo, que é o de "buscar entre las ruinas de una historia desmantelada al individuo perdido detrás de los acontecimientos, descubrir y ensalzar al ser humano en su dimensión más auténtica, aunque parezca inventada, aunque en definitiva lo sea." (AINSA, 1991:85 in: ESTEVES, 1995, p.29)."

Em outras palavras, Seymour Menton indica seis características que servem para marcar as diferenças entre o Novo Romance Histórico e o Tradicional.

Transcrevemos essas seis características, segundo Esteves (1995, p.30):

1. A representação mimétrica de determinado período histórico se subordina, em diferentes graus, à representação de algumas ideias filosóficas, segundo as quais é praticamente impossível se conhecer a verdade histórica ou a realidade, o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, seu caráter imprevisível, que faz com que os acontecimentos mais inesperados e absurdos possam acontecer;
2. A distorção consciente da história mediante omissões, anacronismo e exageros;
3. A ficcionalização de personagens históricos bem conhecidos, ao contrário da fórmula usada por Scott;
4. a presença da metaficção ou comentários do narrador sobre o processo de criação;
5. Grande uso da intertextualidade, nos mais variados graus;
6. Presença dos conceitos bakhtinianos de dialogia, carnavalização, paródia e heteroglosia.

Quanto ao momento de criação dessa nova modalidade de romance histórico, que se diferencia do tradicional pela sua "maior variedade", alguns críticos estabelecem o ano de 1949, com a publicação de "El reino de este mundo", de Alejo Carpentier. Outros críticos apontam o ano de 1974, com a publicação de "Yo El Supremo", de Augusto Roa Bastos, que apresenta características fundamentais do Novo Romance histórico Hispano-Americano.

Menton também aponta Alejo Carpentier como iniciador do Novo Romance Histórico Hispano-Americano, pois o conceito do caráter cíclico da história, uma das características fundamentais deste mesmo subgênero, esteve presente em duas de suas narrativas curtas. Mas *El arpa y la sombra*, última obra do escritor cubano, é um dos seus expoentes máximos do Novo Romance Histórico, ao lado de "Yo El Supremo".

Tendo o romance histórico sua origem associada à do próprio romance, fato já abordado anteriormente, concordamos com Bakhtin quando ele diz que “o Romance não é simplesmente mais um gênero ao lado dos outros. Trata-se do único gênero que ainda está evoluindo no meio de gêneros há muito formados e parcialmente mortos” (BAKHTIN, 1988, p.398). Prova dessa constante evolução é o Novo Romance Histórico.

Se considerarmos que há, na América, um terreno fértil em acontecimentos históricos, poderemos dizer que, talvez por este motivo, o Novo Romance Histórico tenha encontrado aqui um grande campo para a sua evolução e inovação.

Como participantes do elenco do Novo Romance Histórico Latino-Americano apresentamos as obras *O General em seu Labirinto*, de Gabriel García Márquez, e *Lope de Aguirre, Príncipe da Liberdade*, de Otero Silva. Neste estudo, apresentaremos a trajetória da morte, suas imagens e a relação que a mesma estabelece nas obras tendo Simón Bolívar e Lope de Aguirre, personagens históricos, como protagonistas. Talvez ao dar ênfase à trajetória destes dois personagens, as obras, por intermédio deles, também repensem a própria história da nossa América.

As imagens da morte em *O general em seu labirinto* e *Lope de Aguirre, Príncipe da Liberdade*

Dentre as relações mais explícitas, existentes nas obras “*O General em seu Labirinto*”, de Gabriel García Márquez e “*Lope de Aguirre, Príncipe da Liberdade*”, de Miguel Otero Silva, para a constatação de que são participantes do elenco do Novo Romance Histórico, utilizamos as seis características, citadas anteriormente, apontadas por Seymour Menton, como propícias para tal esclarecimento.

Dentre essas características, ressaltamos a “ficcionalização de personagens históricos bem conhecidos”, no caso das obras os personagens Simón Bolívar e Lope de Aguirre, que são personagens reais e históricos; a “presença da metaficção ou comentários do narrador sobre o processo de criação”, que está claro nos dois romances. Em *O General em seu labirinto*, encontramos este processo no quadro de “Agradecimentos”, quando o autor relata o árduo trabalho que constituiu o seu “processo de escritura” (MARQUEZ, 1995, p.18).

Este livro não teria sido possível sem a ajuda dos que trilharam antes de mim esses territórios, durante século e meio, e me tornaram mais fácil a temeridade literária de contar uma vida com uma documentação tirânica, sem renunciar aos foros desaforados do romance.

No caso de “*Lope de Aguirre, Príncipe da liberdade*”, encontramos na rota de rodapé também uma identificação com o “processo de criação”, como podemos observar (OTERO, 1988, p. 218): “O romancista submeteu-se à humilhação de vasculhar bibliotecas e arquivos contrariamente a suas técnicas de trabalho e propensões pessoais.”¹

Estariam então, as duas obras, no âmbito da “metaficção”, já que se encontram na fronteira autoconsciente entre a arte e a vida.

Com relação a presença dos conceitos bakhtinianos, encontramos, com mais intensidade, a dialogia e a paródia. Os dois romances são uma reapropriação paródica e dialógica do passado das personagens que, simbolicamente, retratariam a própria história da América. Sendo a “paródia uma das formas mais importantes da moderna autoreflexividade; é uma forma de discurso interartístico” (HUTCHEN, 1989, p. 13). Ela se torna uma “repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança” (HUTCHEN, 1989, p. 17). É o que constatamos nas obras elencadas, nesta revisão paródica da história existe também o cunho crítico que nos faz repensar sobre as “verdades” oficiais e sobre o que elas representam. Os dois romances parodiam a história oficial, impondo a ela diferenças pertinentes, que estão relacionadas às verdades do discurso do outro, nas muitas vozes que aparecem. Este discurso tem ressonância no dialogismo presente, no jogo de intenções

1 SILVA. Miguel O. *Lope de Aguirre, príncipe da Liberdade*. p. 218.

verbais, um grande diálogo de vozes que propicia assim esta “orientação dialógica do discurso para os discursos do outrem” (BAKHTIN, 1988, p. 85). Em outras palavras, temos um diálogo social e uma revisão histórica estabelecida pelos parâmetros humanos de cada personagem e aquilo que cada qual sonhou realizar. Sem falar na intensidade de “intertextualidade” que percorre as duas obras e que serve para intensificar o caráter dialógico que as mesmas apresentam.

Dessa forma, Lope de Aguirre, que é tido pela história como um grande traidor e rebelde, no romance de Otero Silva é reabilitado e resgatado como um herói e precursor da independência do continente. Por outro lado, Simón Bolívar, no romance de Garcia Márquez, desce do pedestal da história para percorrer o rio Magdalena como se estivesse em um cortejo fúnebre e, assim, é revestido com os trajes da figura humana que foi.

Temos então um Bolívar moribundo, repleto de dores no corpo, amargo, rancoroso e “malperdedor”. Porém, um homem surpreendente que ressurgiu a todo momento das cinzas para não deixar morrer o seu sonho de um dia ver a América unificada. Contudo Bolívar se encontra sozinho, encurralado em um “labirinto”, que só lhe oferece a morte e ela é o parâmetro final para o ideal de unificação.

A morte é desafiadora, inesperada e imprevisível. Traz consigo a lembrança de nossa condição humana e ainda ratifica que o tempo é algo contra o qual não se pode lutar.

Ao adentrarmos no fascinante mundo dos dois Romances Históricos, que constituem o “corpus” deste estudo, buscaremos resgatar, dentro deles, as imagens da morte. Ela perpassa as obras com uma sutileza que só o talento pessoal de cada escritor, aliado à arte literária, poderia produzir e suscitar. Como em um grande cortejo, ela acompanha a trajetória das duas personagens que, com suas ações, atos de rebeldia e lutas, traçaram os seus próprios destinos. Surpreende assim, nessas duas personagens, de faces tão distintas diante da história, a coragem e a força que envolveram suas condições humanas.

Consideramos também, para uni-los, o aspecto idealístico das lutas perpetradas por Bolívar e Aguirre, que buscavam de uma maneira peculiar, a liberdade desta América injustiçada.

O romance de Otero Silva, Lope de Aguirre, Príncipe da Liberdade, é dividido em três partes, cada uma relacionada a uma fase da vida de Lope de Aguirre. O autor recria, assim, a infância e a juventude de Lope na Espanha e os primeiros vinte anos de sua presença na América. Esquematizando temos:

-Lope de Aguirre o Soldado: período da vida de Aguirre que do seu nascimento até seu engajamento na expedição de Ursúa rumo a “El Dorado”.

-Lope de Aguirre o Traidor: narra os fatos acontecidos na expedição; a partida no alto do Amazonas; a chegada ao Oceano Atlântico; as rebeliões e a chefia de Aguirre.

-Lope de Aguirre o Peregrino: chegada à ilha Margarita; o final da rebelião e a morte de Aguirre(em Barquisimeto).

Lope de Aguirre é apresentado como “vítima” das atrocidades dos espanhóis durante a colonização e o romance tece muitas justificativas para as suas ações de rebeldia e violência. Uma primeira intenção de justificar a rebeldia de Aguirre encontramos na passagem em que Lope recorda a história do avô materno, de quem herdará o nome (OTERO, 1988, p. 11).

O caso da língua aconteceu cinco anos mais tarde, eu já tinha nascido e minha mãe dera-me o nome de Lope em homenagem a seu rebelde pai,...

Ou quando há a retratação do demônio “Luzbel”, que, como uma maldição, olha Aguirre com os olhos de quem vê nele o culpado pela sua derrota perante “São Miguel Arcanjo” (OTERO, 1988, p.13).

Luzbel já não é claridade bem-aventurada, já não é o taimado favorito que acusava seus irmãos perante Deus, mas um engendro horripilante, com sete cabeças e dez chifres, rabo de cobra e garras de leopardo, presas terríveis e beijo peludo, te olha amargurado como se sobre ti recaísse a culpa por

sua derrota, Lope de Aguirre. ... Satanás verdozo e retorcido, prostrado na areia de um mar visível, te olha agora com ar de cumplicidade intolerável, Lope de Aguirre.

Temos, cautelosamente, a construção de Lope de Aguirre, que se dá de uma maneira “gradativa e cuidadosa”. Desse modo, no episódio de Antón Llamoso, nota-se a constituição física de Aguirre, mas, ao mesmo tempo, percebe-se a sua grande coragem, astúcia e inteligência (OTERO, 1988, p.16-17).

- Anão Aguirre - disse-me Antón Llamoso naquele Domingo de Ramos na praça de Santa Maria. – Sabes tocar tamboril?
- Não me chames de Anão que não sou anão. -respondi.
- Está certo, anão Aguirre, não voltarei chamar-te de anão, mas toda Oñate acha que és anão – e se pôs a rir.
Então eu dei-lhe uma bofetada, mesmo sendo ele mais forçudo que , eu, mais alto que eu, minha vista se turvou, tio Julián, Antón Llamoso lançou-se sobre mim como um touro bravo, eu num átimo recobrei a consciência de minhas limitações, esquivei-me astutamente da investida, interpus o pé esquerdo em gancho numa rasteira...

Esta vitória de Aguirre e a sua coragem fazem com que Antón Llamoso se torne a cada dia “mais devotado” às palavras de Aguirre.

A obra está permeada por uma alternância de narradores, recurso fabuloso que faz com que a manifestação de vozes seja uma constância, tornando, assim, o discurso dialogizado e gerando pontos de vista diferentes. Servindo-se, ainda, dos recursos de uma estrutura teatral, o autor confere ao romance uma maior dramaticidade e inovação. É na voz de Juanisca Garibay que começamos a vislumbrar o futuro de Aguirre (OTERO, 1988, p. 22).

Juanisca Garibay (recostada na parreira que trepa pelas paredes, arrancando as uvas maiores de um cacho escuro, sem se voltar para me olhar). – Vai para as Índias, nerebizia.
Ninguém além de mim, sabe o que esconde esse teu parco corpo cuja pequenez tanto te preocupa. Cavaleiro andante, herói conquistador, caudilho, grande rebelde, tudo haverás de ser.

Em outra passagem Juanisca, através da escuridão, como uma vidente, de olhos fechados, instaura a lembrança de Aguirre após sua morte, que terá lugar na memória dos povos por intermédio de escritos futuros (OTERO, 1988, p. 22): “Juanisca Garibay (de olhos fechados): - Vai para as Índias, neribiotza. Teu nome será mencionado nos livros que serão escritos depois de teus netos”.

Assim, seduzido pelas histórias sobre as Índias, Lope de Aguirre, através das águas do Guadalquivir Chea a Sevilha, lá se hospeda numa casa de cômodos, seguido, por assim dizer, pela imagem de escuridão, que na obra é uma constante, como uma sombra que o acompanha. Desta forma, ele acaba por ficar com o “quarto mais escuro”. Obstinado, ia todos os dias à “casa de contratação”, na esperança de ter uma chance em alguma empreitada (OTERO, 1988, p. 25).

Tu, Lope de Aguirre, moravas numa casa de cômodos, dormias no mais escuro arrabalde de Triana, para voltar para tua casa era inevitável ter que saltar sobre lixeira e gatos mortos, abrir caminhos por entre nuvens de pestilências e lamúrias de mendigos, afastar brutalmente os doentes de verdade ou fingidos que te barravam o caminho, a Casa de contratação arquivava cuidadosamente teus requerimentos e tuas imprecações, por fim tua paciência se esgotou e foste viver com os giganos.

Advinda do “louco acaso” sua estadia com os ciganos lhe valeu ensinamentos para toda a vida. O sofrimento foi a “primeira virtude” que Aguirre aprendeu com os ciganos. Também com eles aprendeu a “domar cavalos” e a “fazer uso da espada e da adaga”. Mais tarde, ao retornar a Sevilha, na “Casa de Contratação” o esperavam com excelentes notícias. Lope parte a bordo do “San Antonio” e terá como porto de chegada “Cartagena de Índias”.

A viagem é cheia de desconforto e calamidades. Porém, chegando em Cusco, Aguirre deslumbra o Novo Mundo, se desfaz então da “couraça de conquistador” para “reduzir-se a ser humano que rastreava uma pátria e um lar” (OTERO, 1988, p. 49).

Une-se à índia Cruspa e, após sete anos chega a filha mestiça, depois de Lope voltar derrotado de sua última entrada a “chunchos”. Tendo estado em tantos lugares, regressa ao Cusco quatro anos depois. Não recebe nenhuma “mercê”, nem recompensa pela sua fidelidade ao rei. Torna a domar cavalos, mas não se detém nisso, ele “ambicionava outra sorte”. Indo a Potosi para adquirir mercadorias que mudariam sua vida, buscando sair da cidade, carregado de riquezas, sela para sempre seu “infortúnio e perdição”. É através das vozes dos mercadores que Aguirre recebe o seguinte aviso (OTERO, 1988, p. 52): Coro de Velhos Mercadores: - Não presentes, não possues o dom de presentir, ó mísero Lope de Aguirre!, o furacão de ódio que abalará tua vida.

Muitos mercadores entravam e saíam de Potosi, carregados de riquezas, mas era a sombra de um destino injusto que pairava sobre Lope de Aguirre. A escuridão de seu destino anunciava que para ele seria diferente. Aguirre é detido pelos soldados de Francisco Esquivel. A mando de Esquivel recebe duzentas chibatadas. Este fato o enche de ira e endurece para sempre seu coração. Deste dia em diante, Lope é transformado pelo ódio e o desejo de vingança (OTERO, 1988, p. 57).

Lope de Aguirre: - Jamais tornarei a levar a vida de homem humano enquanto não tiver vingado gota a gota a ofensa que recebi.

Persegue Francisco Esquivel por todos os lugares e para Esquivel não há mais paz, mas apenas a presença sombria de Aguirre, como um prenúncio de seu assassinato (OTERO, 1988, p. 58/61)

Coro de velhos Mercadores: - Em vão o alcaide Francisco Esquivel interporá centenas de léguas entre ele e o espectro perseguidor de Lope de Aguirre.²
... surgiu não sei de onde a imagem de Lope de Aguirre, como se estivesse atravessando as paredes e as portas. Francisco Esquivel nem teve tempo de sacar da espada, nem de pedir socorro...

Depois desse assassinato, jamais Lope será o mesmo, a morte o acompanhará até o fim, como uma obsessão (OTERO, 1988, p.62).

Apenas comecei a vingar-me, vou obstinar-me em vingar-me, Vingando-me até a hora de minha morte.

As trevas habitam a vida de Aguirre. Ele assume, simbolicamente, a voz de todos os injustiçados pelos espanhóis (OTERO, 1988, p. 63).

...não eras apenas tu quem golpeava minhas costas com o açoite, eram todos eles em bando, os corregedores, os juizes, os frades, os encomendadores se alternavam para fustigar minha carne e zombar de minhas chagas, são os mesmos que sem misericórdia espoliavam os índios, por qualquer coisa...

Aguirre assume a identidade americana e sua luta será o sonho de libertar o Peru das garras opressoras dos espanhóis; torná-lo uma nação livre e livrar a todos de tantas injustiças cometidas

2 IBIDEM p. 58.

pelos conquistadores. Há agora no sangue de Aguirre apenas o veneno, pelas injustiças de que foi vítima e em sua voz está o grito de todos os que também sofreram injustamente.

Odiado e perseguido pelo assassinato de Esquivel, Aguirre se esconde de lugar em lugar, porém sendo ajudado, consegue escapar. Estando entre tantos soldados, aguarda oportunidade de ver cumpridas as promessas, que fazem todos dia após dia. Mas os assassinatos e as traições estariam perto do seu caminho, como uma sina (OTERO, 1988, p. 71).

Logo em seguida as traições começaram a proliferar como vermes, eu tinha mil vezes ouvido elas serem amaldiçoadas, mas nunca sentido em minha pele a sua saliva pegajosa, a história do Novo Mundo foi moldada com o barro das traições...

Na batalha de “Chuquinga”, Lope de Aguirre sofre sérios ferimentos; estes tornariam o seu aspecto para sempre deplorável (OTERO, 1988, p. 84).

Não poucas vezes desfalece no caminho. Tem a perna direita coxa para sempre, o rosto e as mãos chamuscadas para sempre.

Ao retornar para a casa é recebido pela filha e toma conhecimento do falecimento de Cruspa. Quem retorna é um Lope de Aguirre “velho e vencido”. Estando em seu aposento, Aguirre tem um sonho em que assume a figura de sua filha Elvira, como forma de apiedar-se de seu próprio estado. Neste mesmo sonho, vislumbra seu reaparecimento futuro, ou seja, seu nome repetido nos livros. Avista as águas de Cusco, como míseras valas negras e a figura de Antón Llamoso que “sobe as escadarias de um templo inca com sua cabeça na mão” (OTERO, 1988, p. 87).

A esta imagem, podemos atribuir a visão de sua morte.

Ao juntar-se à expedição de Pedro de Ursúa, Lope de Aguirre está ciente de que a luta de todos trará benefícios apenas aos espanhóis (OTERO, 1988, p. 91).

...oferece-nos entradas e descobrimentos no sul e no oriente, por entre selvas tenebrosas e nos indômitos, onde encontrarmos a glória será para o rei e se encontrarmos a morte será para nós- diz Lope de Aguirre.

Lope de Aguirre, juntamente com inúmeros soldados espanhóis, é enviado às estradas e descobrimentos no Sul e no Oriente. Isso como uma maneira da coroa espanhola se ver livre de todos estes homens que vagavam sem rumo. Aguirre sabe que é uma empreitada inútil, pois no fundo da alma não acredita mais no “velho Dorado” e talvez mais ninguém acreditasse. Mas a partida com a expedição é inevitável e será a última e fatal realização. Tendo partido, não retornará à terra natal, nem verá concretizado o seu plano de conquistar o Peru. Lutando e se rebelando contra a coroa espanhola, promovendo traições, tece com essas ações uma grande teia, na qual, mais tarde, ele próprio cairá (OTERO, 1988, p. 92).

Os sinos de Cusco repicam pela última vez, Lope de Aguirre viveu demais vou em busca de minha morte num cavalo alazão de pouca altura e bastas crinas...

Mas a partida da expedição de Ursúa seria marcada, com antecedência, por calamidades, como se todos estivessem condenados a uma empreitada de insucessos e escuridão (OTERO, 1988, p. 115).

Tantas calamidades choveram sobre nossas cabeças antes da partida que parecia que um demônio maléfico nos condenava a desesperar para sempre naquele cotovelo de rio desolado e pantanoso.

Privados de levarem muitas coisas da carga que haviam trazido, desfalcados por terem que deixar “mais de cem cavalos”, muitos tentam desistir e são impedidos pelo general Pedro de Ursúa com a lembrança dos tesouros dos omaguas que se encontravam, segundo ele, “a menos de um mês de distância”.

Sem deixarmos de lado, ressaltamos o recurso belíssimo do poético instaurado nas páginas do romance. Muitas passagens são descritas com o poder da poesia. A exemplo disso, temos a visão da chegada ao rio Amazonas, na fala de Aguirre (OTERO, 1988, p. 132):

Foste apenas gota da alvorada caída na cúpula do Vilcanota
no agudo cume escuro do Vilcanota arpão do supremo
criador Viracocha fundido nas mais altas atalaias dos incas voz
inviolável da neve desgarras estrelas de água...

Seguindo viagem “o mau agouro” não abandonaria aquela expedição, falada ao fracasso. Nos muitos acontecimentos negativos, que a atrasam cada vez mais e aumentam o desconforto da viagem, temos a sombra da morte pairando sobre o destino de muitos.

Ao encontrarem Garcia de Arce e sua gente em uma ilha “plantada no meio do rio”, ficam sabendo dos acontecimentos, através do mesmo Arce, que relata como prendeu mais de quarenta índios e ordenou que fossem mortos, justificando tal ato como se o cacique Pappa estivesse preparando uma cilada. O governador Ursúa, ao contrário do que esperavam, não reprova tal ato, mesmo porque no Panamá Pedro de Ursúa havia acabado com a vida de duzentos escravos Cimanones ao estilo de Arce. Estes relatos evidenciam a trajetória sangrenta de nossa própria América, vítima da conquista brutalizadora dos colonizadores espanhóis.

Ao chegarem à região de maricuri e tendo o último berantim naufragado, a fome começaria a assolar a expedição e com ela viriam as desconfianças e o ódio. É a imagem da morte reinando com sua sombra, percorrendo e marcando sua presença (OTERO, 1988, p. 131).

De repente veio a fome. ... Depois de quatro dias de privações
as pessoas começam a queixar-se amargamente dos desatinos
do governador...

Ao avistar o país dos índios de Machifaro, Pedro de Ursúa vê nisto a chance de reabilitar os ânimos de seus soldados e revigorar a paixão de dona Inês. A respeito de dona Inês, temos também nas páginas em que aparece, o belíssimo toque do poético. O feitiço de Inês de Atienza, mestiça belíssima, encantava a todos, que a desejavam para si e invejavam Pedro de Ursúa por possuí-la. Porém, nada impediria a rede de assassinatos e traições que seria lançada sobre a expedição. Lope de Aguirre, com toda a sua astúcia e conhecimento, sabe do descontentamento de todos e vê nisto o momento propício para colocar em prática seus planos (OTERO, 1988, p. 138).

Em todas as cabanas desta aldeia fala-se e murmura-se que os
desatinos de nosso governador estão nos levando à perdição
irremediável, nunca encontraremos nem sinal daquele
Dorado...

Convence, assim, Fernando de Guzmán a assumir o lugar de Ursúa e a assassiná-lo. Com a morte de Ursúa, todos aclamam Fernando como chefe. Lope de Aguirre se torna mestre-de-campo. Mas o coração da bela Inês de Atienza ficará marcado pelo ódio e desejo de vingança pela morte do amante. A morte é uma peregrina na expedição, ela aparece nos momentos de fome, no cansaço da jornada, nas incertezas do futuro, no desânimo, na escuridão e dificuldades causadas pelas tempestades, nas traições e nos corações obstinados pela vingança.

Lope de Aguirre, incansável, incentiva os corações de todos para partilharem com ele do sonho de libertar o Peru. Assim, ao fazerem um juramento e proclamarem Fernando de Guzmán como seu príncipe e senhor natural, os marañones elogiam Aguirre e decidem seguir seus passos. Aguirre, por sua vez, apresenta a Fernando seus planos e trajetória para conquistar e libertar o Peru da sina dos espanhóis. Corre de boca em boca a novidade de que Lope de Aguirre teria dentro de

si um demônio, este lhe daria notícia de todos os acontecimentos e traições. As desconfianças e assassinatos persistem e Fernando começa a reunir o seu conselho sem a presença de Aguirre. Ele toma este fato como uma ingratidão e uma ameaça à bandeira da liberdade. As desavenças continuam e a bela Inês, sabendo que muitos a desejam, cava valas de inveja no coração dos homens, obstinados pelos seus encantos, no desejo de ver mortos todos os que assassinaram Ursúa. Porém, Aguirre percebe suas intenções e ordena que a matem (OTERO, 1988, p. 138/196).

Lope de Aguirre finalmente compreendeu que por trás de todos aqueles rancores e traições por trás daquelas disputas que sempre acabaram em sangue em morte, estava tua bela mão, minha implacável Inês de Atienza.

-Ide Matar dona Inês de Atienza!

Quando as escrava chegaram para dar-te sepultura descobrem entre o matagal o mais belo cadáver já visto nestas selvas.

O assassinato não conseguiu apagar a beleza de Inês e Aguirre não esconde, diante da sua morte, o seu amor e admiração: “[...] amo-te, minha defunta Inês de Atienza” (OTERO, 1988, p. 196).

A implacável mão da morte não terminará neste episódio, ela continuaria marcada no ódio e nas desavenças que provocariam cada vez mais assassinatos. Tramavam no campo a morte do próprio Aguirre, traição que Aguirre ficou sabendo através do seu demônio, Mandrágora. Não encontra outra saída senão a de ordenar o assassinato de Fernando Guzmán. Depois da morte de Guzmán, Lope de Aguirre é aclamado general e assume o comando.

As traições e rebeldias continuam e Lope de Aguirre ordena que matem muitos homens que conjuravam perfidamente contra sua pessoa. Castigos são empregados contra aqueles que armavam motins. A traição persegue Lope de Aguirre, que caminha fatalmente para o matadouro.

Aguirre surpreende pela sua força psicológica e moral; ela vence o seu aspecto físico deformado e feio. Ele é uma personagem que foi lavrada a duras penas. A liberdade é a motivação de seus atos, que são sempre justificados. A defesa das mulheres é uma das razões pela qual se justificam muitos dos atos de Aguirre. O autor se aproveita deste fator para, em uma nota de rodapé, rebater muitas das más notícias informadas pelos cronistas, em um brilhante jogo de intertextualidade e demonstração de existência de uma outra voz, que não é a dos cronistas e que clama por uma reparação da figura de Lope de Aguirre, injustiçado pela história (OTERO, 1988, p. 219).

Já basta. Os biógrafos e comentadores de Lope de Aguirre se conjuraram para acumular sobre sua memória tamanho arsenal de impropérios que conseguiram transformá-lo no protótipo máximo da iniquidade humana.

Resgatando a imagem de Aguirre como uma vítima injustiçada pela história oficial, a obra estabelece uma inversão de valores atribuídos a Aguirre e propõe uma outra visão da personagem. Um Aguirre que é questionador, por suas desconfianças e rebeldias, do sistema espanhol e da própria forma como a América foi conquistada.

Em uma expedição cercada pela sombra das traições o advento que restaria seria o de trair o próprio Aguirre. Lope é então traído pelo seu grande amigo Pedro de Munguía. Sua raiva se torna luciferina. Desta vez o demônio Mandrágora não avisa, se cala. Tamanha é a ira de Aguirre por este engano, que trocaria todas as mortes que perpetrou por uma só, a de Pedro de Munguía, porém, jamais desfrutaria deste acontecimento. Devido à traição de Munguía, Lope se vê obrigada a mudar seus planos. Como um lunático anuncia as façanhas que viriam com a conquista do Peru. Porém, o medo de continuar sendo abandonado pelos soldados leva Aguirre a ordenar que sejam queimados todos os barcos. Feito isso, resta apenas o mar deserto e profundo, o nada e um grande abismo. No percurso da Borburata a Valência, Aguirre busca levantar o ânimo das pessoas

e encorajar seus soldados. Mas, chegando ao topo do cerro, pressente a morte inevitável de sua filha e a sua. Delirando, pede para seus soldados que o matem. Aguirre pressente seu destino e sua incapacidade de realizar o seu sonho. Ele se declara rebelde até a morte. É em vão que pede a seus soldados que não vacilem e abandonem a conquista. Promete a liberdade da escravidão e clama pela liberdade absoluta.

Continuando a caminhada, são surpreendidos por uma tempestade, como se a própria natureza se opusesse aos desígnios. Com gritos fortes, Aguirre ordena que ela cesse, imediatamente e como mágica, isso acontece. Entrando em Barquisimeto, seu destino final, aloja-se numa casa imensa. Mais do que nunca a morte é uma certeza no espírito de Aguirre (OTERO, 1988, p. 281).

-Tu, Lope de Aguirre, que já vês tua morte como fato inevitável e muito próximo...

Compreende que a traição é uma doença que vai matando aos poucos e que ela frustrará seu sonho de conquista e liberdade. Diminuído e abandonado por todos, exceto por Anton Llamoso, que insiste em ficar ao seu lado, Aguirre, sentindo-se encurralado, não vê outra saída senão a de matar sua própria filha para que esta não caia em desonra após sua morte (OTERO, 1988, p.294).

Elvira: - Meu pai" (Lope de Aguirre aproxima-se dela e lhe dá duas punhaladas no peito. O sangue da menina Elvira encharca a saia e o corpete de cetim amarelo. A filha cai de joelhos aos pés do pai que a mata.) Já basta, meu pai, já basta!

Consumada a morte de Elvira, a casa é invadida por vários marañones que haviam passado para o lado do rei. Antes de ser morto, temos na voz de Lope de Aguirre o relato do resgate de sua própria lembrança através dos escritos, com príncipe da liberdade.

Ao final, ao prometer delatar a todos os que foram traidores, depois que o prendessem, Lope é cercado e assassinado, enquanto em um canto, como uma sombra, permanece Antón Llamoso e, como uma sombra, ele se retira sem ser percebido. Encurralado por um motin, Lope de Aguirre é morto e com ele vai o sonho de liberdade, que ele não veria concretizado (OTERO, 1988, p. 296).

Lope de Aguirre (cambaleando e procurando apoio no catre ou grabato que está atrás dele) : - mau tiro, traidor descarado! (outro marañon chamado Cristóbal Galindo dispara seu arcabuz e acerta o caudilho no meio do peito.)

Lope de Aguirre: - Esse foi um bom tiro, filho da puta! (Leva a mão ao coração, cai sobre o catre e morre. Em meio a um grande silêncio, Custódio Hernández se adianta e corta a cabeça de Lope de Aguirre com sua espada. Em seguida, sai pela porta que dá para a rua, empunhando os cabelos grisalhos da cabeça cortada e sangrante. Todos os seguem, com García de Paredes à frente deles.)

Na obra, O General em seu labirinto, de Gabriel García Márquez, Simón Bolívar tem relatada sua última trajetória através dos retratos textuais que aparecem e que são as imagens de seus últimos dias. Num relato repleto de beleza poética, que confere à obra um poder sem igual, estabelece-se, via história e ficção, uma crítica pertinente sobre o "dilema americano", que nos convidam, de certa forma, a uma reflexão sobre a nossa própria história.

Simón Bolívar segue seu caminho final abatido moralmente por ver desabar o seu sonho de toda uma vida: ver a América livre e unificada. Este mesmo Bolívar, que dedicara sua vida à luta incessante em busca da liberdade, como o bem sublime do homem, desfila solitário e frustrado. Ele sonhara "com uma América liberta e consolidada através de uma união fraterna e permanente e os americanos seguros e estáveis numa forma republicana que atendessem à realidade daqueles povos" (BITTAR, 1991, p.82).

No entanto, as ideias de Bolívar não coincidiam com os instintos e desejos das nações por ele libertadas. O grande ocaso da vida do Libertador foi a plena conscientização da utopia do seu ideal

unitário. Esta realidade o faz definhando, conforme vai tomando conhecimento desta verdade. Segue, assim, o seu destino, até encontrar-se com a morte. Era ela que o aguardava.

Retratando um Bolívar moribundo, precocemente envelhecido, o romance tem início com a partida de Bolívar e seu séquito de Santa Fé de Bogotá, em meio a frustrações e hostilidades. Percebemos as primeiras marcas da imagem de decadência física e moral de Bolívar na descrição de seu estado (MARQUÉZ, 1995, p.5).

Completara quarenta e seis anos no último mês de julho, mas já sua áspera grenha caribe ficara cinzenta: tinha ossos desmantelados pela decrepitude prematura, e todo ele se via tão desfeito que não parecia capaz de durar até o próximo julho.

No entanto, seus movimentos decididos davam a impressão de pertencer a outra pessoa menos gasta pela vida, e caminhava sem cessar ao redor de nada.

Mesmo desgastado pela sua situação de abatimento físico e moral, Bolívar sempre encontra forças para ressurgir, como advindas de uma vontade sobrenatural. Nos seus rituais diários de limpeza, Simón Bolívar não procurava limpar o corpo, mas também purificá-lo de tantos anos de desenganos (MARQUÉZ, 1995, p.6).

Naquela madrugada oficiava a missa diária da limpeza com uma violência mais frenética que a habitual, tratando de purificar o corpo e a alma de vinte anos de guerras inúteis e desenganos de poder.

Nas visitas que lhe fazia Manuela Saénz, além do romance que tinham, ela também era a responsável por informá-lo dos acontecimentos e de muitas vezes ler para ele. Manuela, também era a pessoa em que Bolívar confiava, já que há muito tempo não acreditava em ninguém mais; porém, ela não o acompanharia até a morte. Bolívar tem consciência de seu rumo quando, em conversa com Manuela, diz não possuir amigos. Momentos depois Manuela caracteriza o desinteresse de Bolívar como a certeza de que este tem de que haverá de morrer, pobre e nu (MARQUÉZ, 1995, p.7).

Ele abriu os olhos, menos inquieto que intrigado, e ela fechou o livro no colo, marcando a página com o polegar.

-São os seus amigos – disse.

-Não tenho amigos – disse ele. –E se acaso me restam alguns, há de ser por pouco tempo.

...Somente Manuela sabia que seu desinteresse não era inconsciência nem fatalismo, mas melancólica certeza de que havia de morrer na cama, pobre e nu, e sem consolo da gratidão pública.

Nos muitos delírios que a derradeira doença provocava em Bolívar e que seu servidor fiel, José Palácios, presenciava, Simón sempre desabafava suas frustrações (MARQUÉZ, 1995, p.8).

Quando voltou ao quarto, encontrou o general entregue ao delírio. Ouviu-o dizer frases desconexas que cabiam numa só: “Ninguém entendeu nada”.

Muitas notícias eram dadas sobre o estado de saúde de Bolívar e sempre mostravam o seu aspecto de homem doente, que caminhava para a morte. Várias vezes se acreditou que ele estivesse morto, mas de repente, com uma força incomum, sua figura renascia para desmentir todos os boatos (MARQUÉZ, 1995, p.12-13).

As notícias públicas d que estava nas últimas também não eram tidas como indício válido de que fosse partir. Ao contrário, desde seu regresso das guerras do sul, todos os que o viram passar sob os arcos de flores acharam com assombro que só vinha morrer.

...Enquanto o acreditavam à morte em Pativilca, atravessou mais uma vez os cumes andinos, venceu em Juním, completou a libertação de toda a América espanhola com a vitória final de Ayacucho, criou a república da Bolívia e ainda foi feliz em Lima como nunca fora nem voltaria a ser com a embriaguez da glória.

O seu caráter imprevisível aparece muitas vezes caracterizado, por exemplo, pelos anúncios que fazia e pelo fato de não cumpri-los com exatidão, o que gerava sempre suspeitas sobre se seriam verdade ou não (MARQUÉZ, 1995, p.19).

Antes de se recolher, reuniu os ajudantes e o pessoal de serviço para anunciar, com a solenidade habitual de suas renúncias suspeitas:

-Amanhã mesmo vou-me embora daqui.

Não foi embora amanhã mesmo, mas quatro dias depois.

Chegado o dia da partida, arrumada as bagagens, partem para uma viagem sem volta, com destino a Cartagena de Índias. Seu percurso de lugar em lugar é sempre acompanhado por chuvas, tempestades inesperadas, imagens de tristeza alternadas por algumas de alegria, e imagens de pobreza que marcam um percurso também, acompanhado pela sombra da morte. Nas despedidas a retratação de seu aspecto mirrado e a condição de sua partida (MARQUÉZ, 1995, p.22).

Empinou-se para se despedir do presidente interino, e este correspondeu com um abraço enorme, que permitiu a todos comprovar como era mirrado o corpo do general, e como se via desamparado e inerme na hora da despedida. ...Alguém tentou retê-lo até que parasse de chover, embora soubesse tão bem quanto ele que continuaria chovendo durante o que faltava do século.

...Ninguém sabia ao certo, porém quem o acompanhava por amizade, quem para protegê-lo e quem para ter confirmação de que ia embora mesmo.

Sua jornada é amargurada, pois sentia a hostilidade das pessoas por onde passava. Bolívar se sentia um forasteiro, surpreendido pelo próprio descrédito. Assim, o romance dispõe de recursos narrativos como diálogos e comentários, que possibilitam descrever com detalhes ambientes, estados de ânimo, gestos, expressões, odores e dores de seu protagonista (MARQUÉZ, 1995, 2ª parte, p.2-3).

O único que teve bastante lucidez para saber que na realidade ia embora, e para onde ia, foi o diplomata inglês, que escreveu um relatório oficial ao seu governo: "O tempo que lhe resta mal dar para chegar ao túmulo".

...Apenas começava a clarear em meio ao chuvisco, e só encontrou no caminho algumas vacas extraviadas, mas o rancor de seus inimigos pairavam no ar.

...Na hora das contas finais, parecia mais surpreendido pelo próprio descrédito. O governo postaria guardas invisíveis até nos lugares d menor perigo, e isso impediu que saíssem no seu enalço as maltas coléricas que o haviam executado em efgie na noite anterior, mas em todo o trajeto se ouviu um mesmo grito distante: "Longaniizo! " A única alma que compadeceu

dele foi uma mulher da rua que disse ao vê-lo passar:
-Vai com Deus, fantasma.

No episódio das freiras, temos mais uma marca das vozes que aparecem para ajudar na caracterização da condição deplorável de Bolívar e de como ele desfaz de si próprio (MARQUÉZ, 1995, 2ª parte, p. 4-5) :

As noviças cantavam acompanhadas na harpa por uma freira mais velha. Afinal uma delas percorreu o claustro com um chapéu, pedindo esmolas para a missão. A monja da harpa lhe disse ao passar: “Não peças ao doente. “ Mas a noviça não fez caso. O general, sem sequer olhá-la, disse com um sorriso amargo: “Eu é que preciso de esmolas, minha filha. “Wilson deu de seu bolso pessoal, com uma prodigalidade que mereceu a caçoadada cordial do chefe: “Está vendo só quando custa a glória coronel.” O mesmo Wilson manifestou mais tarde sua surpresa pelo fato de ninguém na missão nem no resto do caminho ter reconhecido o homem mais famoso das novas repúblicas. Também para este foi sem dúvida uma lição estranha.

-Já não sou mais eu-disse.

Ao chegarem em Honda, uma alegre cavalgada foi recebê-los no porto, porém, tudo termina com uma chuva, que começa a cair causando, pela sua força e intensidade, muitos estragos. São muitos os acontecimentos que diferem dos tempos de glórias e de conquistas, agora são as desgraças acompanham o caminho de Bolívar (MARQUÉZ, 1995, 3ª parte, p.2):

Mas a chuva desmanchou a festa antes que a comitiva chegasse às ruas do comércio. Foi um aguaceiro prematuro, de uma violência arrasadora, que arrancou do calçamento das ruas e causou inundações nos bairros pobres, mas o calor se manteve imperturbável.

Inúmeras lembranças perseguem Bolívar. Elas trazem à memória os dias de glória e festas. Dias que já abandonaram o Libertador e que ele recorda com carinho e, ao mesmo tempo, uma saudade melancólica. Essas lembranças se entrelaçam com sua realidade atual e fazem, ao mesmo tempo, surgirem dentro dele forças sobrenaturais de superações momentâneas da doença, que depois são suprimidas pela realidade de um homem que tem sobre si a sombra da morte (MARQUÉZ, 1995, 3ª parte, p.4-5) .

Lima oferecera naquela manhã uma recepção imperial, a que o general respondeu com uma frase repetida sem falta em cada brinde: “Na vasta extensão do Peru já não resta um só espanhol.” Naquele dia se consumara a independência do continente imenso que ele se propunha converter, segundo suas palavras, na liga de nações mais vastas mais vasta, ou mais extraordinária, ou mais forte até então surgida na face da terra. As emoções da festa ficaram associadas à valsa...

Na última noite em Honda abriram a festa com a valsa da vitória, e ele esperou na rede que repetissem. Mas como não a repetiam, levantou-se de repente, vestiu a mesma roupa de montaria que usara na excursão às minas e se apresentou no baile sem ser anunciado.

...Na última noite de Honda já tinha as forças tão reduzidas que precisava se refazer nos intervalos aspirando os vapores do lenço embebido em água-de-colônia, mas valsou com tanto entusiasmo e com maestria tão juvenil que, sem querer,

destruiu as versões de que estava a morte.

Há uma reapropriação dialógica do passado do Libertador, que une a sua condição atual às glórias de um passado memorável. Ressaltamos que Bolívar como astuto político sempre enxergou o perigo da influência de outros países na América, aspecto que o romance deixa claro na passagem em que o Libertador lembra que o golpe mortal contra a integração fora o de convidar os Estados Unidos para o congresso no Panamá, como fizera Santander. Independência, unidade e revolução estiveram presentes e permaneceram constantes no ideário de Bolívar. Suas lutas representaram o sentido político de sua vocação militar, caracterizada por suas investidas e marchas, que possibilitaram o fim do poder monárquico na América Hispânica. Ao mesmo tempo, estas retomadas históricas nos fazem deparar com a realidade de um Bolívar sem a glória reconhecida e que caminha, no caso do romance, como um grande cortejo fúnebre em direção à própria morte; despojado do seu sonho de unificação e derrotado pela realidade da sua não concretização.

No diálogo com as viúvas, fica claro como Bolívar se sente, na própria terra que ajudou a libertar, um exilado, um homem sem pátria e órfão da independência (MARQUÉZ, 1995, 3ª parte, p. 16).

...o general nunca teve um filho, mas em compensação era pai e mãe de todas as viúvas da nação.

...seu pensamento estava mais nele mesmo que nelas quando viu as filas de mulheres fúnebres nas aldeias do rio.

-Agora as viúvas somos nós – disse. – Somos órfãos, os aleijados, os párias da independência.

Continuava sua trajetória pelo rio Magdalena, passando por lugares que já conhecia, não deixaria de ter a impressão de estar “recolhendo os passos de sua vida”. Cansada pelos sofrimentos causados pelos males alheios, não deixava de afirmar que ia embora sem retorno. Mas este fato nunca veio a se realizar, Bolívar nunca sairia novamente do país, porque sua espera pelo passaporte do governo e sua pensão acabariam na morte. Sua saúde tenderia a piorar cada vez mais e seu aspecto se igualava o de um defunto. Como um retrato vivo da morte ele vagava pelo Magdalena.

Na descrição do seu aspecto físico, antes e na véspera da morte, está a caracterização da sua transformação deplorável, o presente como contraponto da realidade do passado. Uma amostra da sua total diminuição moral e física, como a própria situação sugere (MARQUÉZ, 1995, 5ª parte, p.4).

Pesava oitenta e oito libras, e iria ter dez menos à véspera da morte. Sua estatura oficial era de um metro e sessenta e cinco, mas suas fichas médicas nem sempre coincidiam com as militares, e na mesa de autópsia media quatro centímetros menos. Os pés eram tão pequenos quanto as mãos em relação ao corpo, e pareciam também ter diminuído.

Na descrição que o romance faz sobre os retratos históricos de Bolívar, a imagem das facetas moldadas pela história oficial, que faz dele um mito, é desmanchada, provocando uma desmitificação do herói através do retrato pintado por “Espinosa”, que, na realidade, realidade representaria o verdadeiro Bolívar, taciturno, envelhecido e entregue ao seu próprio destino, de acordo com Milton (1994, p. 133) encurralado no labirinto de sua morte, como as próprias passagens confirmam (MARQUÉZ, 1995, 6ª parte, p. 9):

Mas à medida que sua glória aumentava, os pintores o idealizavam, lavavam-lhe o sangue, o mitificavam, até que o implantaram na memória oficial com o perfil romano de suas estátuas. Mas o retrato de Espinosa não se parecia com ninguém a não ser com ele, aos quarenta e cinco anos, já carcomido pela moléstia que se empenhou em esconder, inclusive de si mesmo, até as vésperas da morte.

O tempo e as febres intensas permaneciam abalando a jornada e a saúde de Bolívar. Levado a Soledad praticamente desfalecido, lá permanece mais de um mês, incomodado por toda a “espécie de dores”. Aceita por fim a visita de um médico, uma irônica figura que receitava a seus pacientes os “charutos de carroceiro” que ele próprio fumava.

Não curava os pacientes com suas receitas, mas diziam que ele divertia com suas prosas. Não curou o general, apenas melhorou seu humor.

Bolívar se angustiava cada vez mais, e essa angústia aumentava com as notícias de que por onde passava, depois de sua retirada, tudo o que ele havia usado era queimado, por medo de contágio. Mas a notícia que mais o afligiu foi a de que as pessoas, ao verem as tropas do governo, fugiam com medo “porque as identificavam com ele, a quem apontavam como assassino do Almirante Padilha, um ídolo em Riohacha, sua terra Natal” (MARQUÉZ, 1995, 7ª parte, p.11). Triste ironia do destino, que leva nosso general, que tanto fora aclamado e seguido, a agora se tornar causa de espanto e medo. São as imagens fantasmagóricas de uma morte que tomava conta de toda a sua vida.

As fortes chuvas continuavam tornando sua viagem tenebrosa e arrastada. Piorando sempre, o general ficava furioso com “desobediência do corpo”, suas forças iam desaparecendo e ele definhando. “A chuva se eternizara e a umidade começava a abrir gretas na memória”. Devido ao calor, que não diminuía com a chuva, o general se sentia como se estivesse sendo “cozinhado em banho Maria”. É a presença da natureza, colaborando e evocando com suas imagens a presença constante da morte que o sondava, na espera do momento certo. Lentamente seu fim ia ficando próximo. Nas decisões que sempre tomava de adiar sua saída do país, a imagem de uma decisão até certo ponto inconsciente, que o prendia no mesmo lugar preparando-o para morrer, mas nunca partir.

Simón Bolívar não se sente confortado e nem tranquilo com sua condição e em carta fala a um amigo de sua própria morte (MARQUÉZ, 1995, 8ª parte, p.11):

...o doutor Reverendo foi o primeiro a animá-lo, ciente de que aqueles eram os sintomas finais de uma prostração sem retorno. Na véspera da viagem escreveu a um amigo: “Morrerei o mais tarde dentro de uns dois meses.” Foi uma revelação para todos, porque muito poucas vezes em sua vida, e ainda menos em seus últimos anos, fizera menção à morte.

Sabia ele que sua empreitada estava chegando definitivamente ao fim. Seu sonho de unificação, de liberdade total para esta América, com ele iriam porque “ninguém entendeu nada”. Chegou o tempo em que não pôde mais se levantar sozinho. Sua corrida acabava, e ele estava doente, sozinho e pobre. Não havia mais solução, não haveria retorno, e nesta compreensão ele se depara com a realidade de sua morte; encurralado, não encontra a saída deste labirinto e exclama (MARQUÉZ, 1995, 8ª parte, p.17):

-Carajos! –suspirou – Como vou sair deste labirinto?

Considerações Finais

As obras classificadas como participantes do elenco do Novo Romance Histórico, ao percorrerem a vida de Bolívar e Aguirre, fazem ao mesmo tempo uma recapitulação da história de nossa América, uma história feita por conquistadores e que, nas obras, acaba por sofrer uma revisão crítica. Tudo acaba por ser uma reapropriação paródica, dialógica, do passado e, como tal, ela nos proporciona uma revisitação da história da América, diante da proposta apresentada por cada romance. Seriam então, para nós, como imagens da América, retratos revistos de uma realidade que nos permite refletir sobre a nossa própria condição e identidade.

Os atributos apresentados sobre cada personagem não levam consigo a maldade brutalizadora, mas apenas apontam e realçam a condição humana de cada um. Lope de Aguirre no romance é recuperado como herói, como precursor do movimento de independência, é resgatado e apresentado como sendo um “resultado da época em que viveu e toda a sua revolta a expressão do grande desejo de ter seu valor reconhecido” (ESTEVES, 1995, p.145). Bolívar é descido do pedestal

da história e vislumbrado por todos na imagem do ser humano, sendo plenamente humanizado. O que mais surpreende nestas duas personagens são a força, a coragem e o caráter decisivo que marcou suas personalidades, na busca desenfreada para verem realizado o sonho de unificação da América, no caso de Bolívar, e o de libertar o Peru da força avassaladora dos espanhóis e de ver o seu valor reconhecido, no caso de Aguirre.

Ambos são heróis que não precisam de pedestais moldadores de valores, pois são reais e insondáveis. A morte foi uma consequência natural e inevitável, que esteve presente, nas duas obras, em tantas imagens de desolação, descrições físicas, aspectos morais, traições, doenças, dores e momentos de escuridão e confusão, causados, por exemplo, pelas fortes tempestades que surgiam de repente. Mas ela (a morte) não foi suficiente para jogar Bolívar e Aguirre no vale interminável do esquecimento, porque suas imagens são resgatadas pelos escritos e navegam no rio interminável da literatura, que os conduz como quer e para onde desejar.

Referências

BITTAR. Maria J.L.C. **Ideia de independência no pensamento de Simón Bolívar**. França. São Paulo,1991.

BELLOTTO. Manoel L. CORRÊA. **Anna M. Simón Bolívar**. São Paulo: Ática,1983.

BAKHTIN. Milhail. **Questões de Literatura e de estética: A teoria do Romance**. São Paulo: UNESP-HUCITEC,1988.

ESTEVES. Antonio Roberto. **Lope de Aguirre, da História para a Literatura**. São Paulo. Tese de Doutorado,1995.

_____. Lope de Aguirre: História e Literatura. São Paulo. Revista de Letras. n° 35. p.41-52,1995.

GÓMEZ. Juana M. **Lope de Aguirre, história y ficción**. Madrid: Universidade complutense,1987.

HUTCHEON. Linda. **Uma Teoria da Paródia**. Lisboa: Edições 70,1989.

MÁRQUEZ. Gabriel G. **O General em seu Labirinto**. São Paulo. Distribuidora Record de Serviços de imprensa. Editora três LTDA,1995.

MÁRQUEZ Rodriguez. **A. Evolución y alcances del concepto de Novela histórica**. In :**História y ficción en la novela venezolana**. Caracas: Monte Ávila, 1991.

MILTON. Heloísa Costa. **O Tema da Morte e do Herói. O Labirinto de Simón Bolívar na Criação de Gabriel Garcia Márquez**. São Paulo. Revista de letras. n° 34. p. 131-139,1994.

MONEGAL. Emir RODRÍGUEZ MONEGAL, E. **La Novela Histórica: Otra Perspectiva**. In: **Gonzáles Echevarría Roberto**. (comp) **História y ficción en la narrativa hispanoamericana**. Coloquio de Yale. Caracas: Monte Ávila, 1984. p. 169-184.

OTERO SILVA, M. **Lope de Aguirre, Príncipe da Liberdade**. Rio de Janeiro. Globo,1988.

Recebido em 31 de outubro de 2016.
Aprovado em 16 de novembro de 2016.